

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTÓNIO VAZ | Administração: Apartado, 23 - BRAGA | Director e Administrador: JÚLIO HILARIO VAZ
AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 40 \$00 - Estrangeiro 80 \$00 * ANO XXIV - N.º 471 - Melgaço, 15 de Abril de 1971 * Tip. Augusto Costa & C.ª, L.da - Tefel. 22455 - Braga

NA ASSEMBLEIA NACIONAL

O Eng.º António Lacerda aborda os problemas económicos do Minho

(Conclusão do número anterior)

Sendo certo, como é, que agricolamente todo o distrito de Viana tem características bastante semelhantes ao conjunto da Região dos Vinhos Verdes, mas em que há um nítido predomínio dos terrenos socoados da encosta há problemas específicos que deverão ser encarados na sua concretização.

Um deles e que reputo dos principais, será a instalação rápida na região, possivelmente em Ponte de Lima, de um adequado matadouro industrial que serviria não só a magnífica zona de produção da Ribeira Lima, como também e em óptimas condições, toda a Ribeira Minho e o planalto de Paredes de Coura e ainda, sem qualquer esforço, todo o Vale do Cávado e interior do Minho.

Uma Comissão encarregada do estudo da distribuição dessas unidades industriais de apoio à lavoura entendeu e quanto a nós muito bem, que ali devia ser construído. Elementos que aqui já apresentei justificam-no plenamente. Localmente há todas as condições.

Outra infra-estrutura indispensável é uma Central Fruteira na mesma Ribeira Lima — talvez nos Arcos de Valdevez, com boas condições geográficas em relação às zonas produtoras e boas estradas de ligação — em que possam ser recebidas as frutas que os produtores na sua ânsia incogável de melhorar, cultivam com muita esperança. Mas essa esperança só poderá traduzir-se em benéfica realidade se for amparada numa organização que os

Coronel António G. Pires

Fomos, há dias, surpreendidos com a notícia do falecimento, na Meadela, Viana do Castelo, do sr. Coronel António Gonçalves Pires.

Perdemos nós um grande amigo; o País e o distrito, um homem de raras virtudes.

Era delicada e espinhosa a sua missão, no sector dos jornais do distrito, de que foi censor. No entanto, a sua actuação prudente e justa, nunca nos magoou.

Foi um soldado valente que mereceu valiosas condecorações. Foi um grande patriota nada negando à nossa querida Pátria, mesmo no fim da sua vida, em que foi prestigioso Comandante da Legião Portuguesa.

Que o bom Deus tenha o querido Amigo de Si.

A toda a sua ilustre Família, os nossos sentidos pêsames.

«A Voz de Melgaço»

O Santo da Quinzena

Santa Zita!

Natural de Montese gradi (Itália), nasceu Zita em 1212. Filha de pais pobres mas honestos e piedosos graças à sólida educação que recebeu na casa paterna, bem cedo seguiu o caminho da virtude e da perfeição cristã.

Zita, era uma menina querida de todos, pela sua mansidão e modéstia. Educada no santo temor de Deus, pouco falava, tanto mais trabalhava e conservava a sua alma em constante recolhimento. Aos doze anos, empregou-se na casa de um nobre senhor, que residia na cidade de Luca. Bem cedo, antes dos outros se levantarem, ia à igreja assistir à santa missa. À hora marcada, infalivelmente, achava-se no seu trabalho. 48 anos serviu Zita aquela família, sempre com a mesma pontualidade e dedicação.

«Quatro são as principais qualidades, que uma empregada deve ter — costumava ela dizer: temor de Deus, obediência, fidelidade e amor ao trabalho».

O que nela mais se admirava, era a paciência e o bom humor, que a acompanhavam em toda a parte e a submissão com que obedecia aos seus patrões, mesmo se fosse nas condições mais difíceis. O tempo

(Continua na 4.ª página)

Por falta de espaço...

Deixamos para o próximo número o V.º Comentário ao Plano de Actividades da Câmara.

GARTA DE UM SOLDADO

Lamego, 23 de Março de 1971

NÃO são, infelizmente, raras as notícias de mais uma vida ceifada, de mais um militar morto, de mais um português sacrificado na guerra do Ultramar onde uma grande e honrosa parte da nossa mocidade se afirma, no cumprimento do seu dever, como valor positivo de uma geração digna de passado glorioso da Pátria a que pertence, enquanto outra parte — limitada felizmente — se compromete em deploráveis manifestações negativistas. Por isso o conhecimento de que mais um soldado tomou no cumprimento do seu dever, não merecia citação especial, se não se tratasse realmente, de um caso especial, de um jovem que se antecipa à sua chamada para o serviço militar, integrando-se voluntariamente com o ardor da sua fé e o sentimento do seu exemplar patriotismo, no Corpo Especial de Atirador que se bate em defesa da Pátria.

Eu sei, e a minha experiência vai sendo dura, ao longo de três anos, que já suporto desta guerra, que não há palavras de conforto que compensem uma Mãe e um Pai da rudeza da perda de um filho, mas também posso afirmar que é pelas lições de incrível grandeza, deixadas por jovens como nós, o pesadíssimo dever, mas também honroso, de não os deixar morrer em vão, uma juventude determinada, consciente e valorosa de quem o Exército e a Pátria muito esperam, é uma dádiva de todo o ser no Altar da Pátria que a todos nos cabe honrar.

Quando se cai assim... nem é um português que morre, nem um filho que se perde, nem um amigo que desaparece! É um nobre exemplo que fica.

Enviando os meus respeitosos cumprimentos, deste amigo

Fernando Augusto Cardoso

Por Santa Rita



- Lembramo-nos de todos!...
- Não nos falta nada!...
- Vem aí a festa!...
- E a nova Igreja?...

Desta vez, pouco vamos contar, já que a muita colaboração retida na tipografia, nos obriga a reduzir os nossos trabalhos.

Lembramo-nos de todos — Sim. De todos. No domingo de Páscoa, celebramos a Santa Missa nesta igreja de Santa Rita por todos os nossos queridos benfeitores, vivos e falecidos. A todos, lembramos diante do Senhor. Tudo o que aqui se tem feito, se deve a Deus, a Sua Mãe Santíssima, a Santa Rita e aos nossos queridos benfeitores. Como tanto se fez e em tão pouco tempo. Amigos, que Santa Rita vos pague! A todos vos lembrei, diante do Senhor.

Não nos falta nada — Sim. Temos connosco, e já há alguns meses, quatro irmãs pobres, que o Senhor nos mandou

(Continua na 4.ª página)

Em defesa da nossa Pátria

A caminho do Ultramar

Niassa, 9-2-71

Amigo P.º Carlos:

Cá estou novamente a contar mais novas, a recordar esse Melgaço que tanto me custou a deixar por dois anos longos, distantes.

Vou continuar a primeira carta, antes de chegara Luanda.

Na noite do dia 5 de Fevereiro aconteceu o que menos se esperava. Um soldado, o «Tarzan», assim conhecido pelos camaradas, atirou-se ao mar em mergulho, junto à sala turística. Havia lá muitos soldados e alguns civis, pois iam assistir a mais um filme.

Logo gritaram: «homem à água». E um marinheiro lançou-lhe uma bóia. O comandante deu ordens para fazer parar o navio.

O médico de serviço e mais oito marinheiros entraram numa baleeira e logo o guindaste a desceu; esta principiou as buscas junto ao suposto local de entrada na água do tal soldado.

Em contacto com o navio, a baleeira, após vários minutos, conseguiu salvar o naufrago voluntário que, sem bóia, se aguentou cerca de meia hora nas águas, cheias de tubarões que de dia tínhamos visto passar junto ao barco.

Sorte! nem falar. Atirar-se ao mar, vestido e calçado, de noite!... Tubarões não faltavam!

Como prémio, foram-lhe concedidos 20 dias de prisão

disciplinar agravada, dando entrada já, nessa noite, na cadeia de bordo.

Devido a este incidente chegamos a Luanda mais tarde 2 horas.

Vi Luanda à noite, uma Luanda calma e quente.

Fiquei maravilhado com a sua baía, a sua ilha de jardins e palmeiras, de praias e bairros típicos. A baía de águas prateadas, de reclames de variadas cores, de luar cintilante.

(Continua na 5.ª página)

Importantes melhoramentos

para a cidade de Viana do Castelo e freguesia da Meadela

★ 1.215 contos para a 1.ª fase do Bairro da Bessa

★ Participada a Estrada da Argaçosa

O Sr. Ministro das Obras Públicas e das Comunicações acaba de atribuir a Junta de Freguesia da Meadela, conceito de Viana do Castelo, a verba de Esc. 1.215.000\$00 (mil duzentos e quinze contos) para a execução da primeira fase de obras prevista no Plano Urbanístico do Bairro da Bessa, naquela freguesia, onde vivem cerca de duas mil pessoas que habitualmente trabalham na cidade.

A petição, subscrita por mo-

(Continua na 4.ª página)

Várias Notícias da Vila

Tenente Abílio Francisco Conde — Acompanhado de sua Ex.^{ma} esposa, tivemos o prazer de ver nesta Vila o nosso conterrâneo e estimado assinante sr. Tenente Abílio Francisco Conde, dig.^{mo} comandante de Secção da Guarda Fiscal em Mogadouro.

Ao ilustre oficial e a sua esposa, apresentamos os nossos cumprimentos.

Eng.^o António Augusto Pires — Acompanhado de sua esposa, sr.^a dr.^a D. Maria Fernanda Domingues Pires, tivemos o prazer de ver nesta Vila, de visita à sua família, o nosso amigo e conterrâneo, sr. Eng. António Augusto Pires, distinto funcionário da «Sacor», em Matosinhos.

Os nossos cumprimentos.

Dr. Júlio Pires — Esteve nesta Vila o nosso conterrâneo e amigo, sr. dr. Júlio Pires, funcionário superior da firma «Araújo & Sobrinho», da cidade do Porto, acompanhado de sua mãe, sr.^a D. Idalina Correia Pires, nossa estimada assinante, residente naquela cidade.

Os nossos cumprimentos.

Dr. Francisco Pires Caldas — Tivemos o prazer de ver nesta Vila o nosso conterrâneo sr. dr. Francisco Pires Caldas, finalista da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, filho do nosso estimado assinante, sr. Miguel Esteves Caldas e da sr.^a D. Maria Pires Caldas, residentes na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

Joaquim Baleixo — Acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Margarida Amália Ferreira Estrela e filhos, esteve entre nós, de visita à sua família, o nosso amigo e conterrâneo, sr. Joaquim Baleixo, contabilista da «Austin», na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

Oscar Marinho — Acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Armanda da Cunha Esteves e filho, esteve nesta Vila, de visita aos seus familiares, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Oscar Marinho, digno escrivão de 1.^a classe do Tribunal da Comarca de Benavente.

Os nossos cumprimentos.

Manuel Hernani de Almeida — A passar uns dias, esteve entre nós, o nosso conterrâneo sr. Manuel Hernani de Almeida, dig.^{mo} sub-Chefe da P.S.P. em serviço nos Açores.

Os nossos cumprimentos.

Manuel José Gonçalves — De visita, esteve entre nós o nosso conterrâneo e assinante sr. Manuel José Gonçalves, escrivão de 1.^a classe do Tribunal de Viana do Castelo.

Os nossos cumprimentos.

Transferência — A seu pedido, foi transferido para a Repartição de Finanças de Monção, onde já tomou posse do cargo de Aspirante, o nosso conterrâneo e estimado assinante sr. Manuel Augusto Meleiro, que exercia iguais funções, em Arcos de Valdevez.

Ao sr. Meleiro, que nesta Vila é muito estimado por todos, desejamos as maiores facilidades no desempenho das suas funções e os nossos parabéns.

Dr. Eduardo Villarinho — Tivemos o prazer de ver nesta Vila o nosso ilustre conterrâneo e estimado assinante e figura de muito relevo, sr. dr. Eduardo Villarinho, distinto médico em Lisboa e Director do I. A. N. T., que esteve em Penso, durante alguns dias, acompanhado de sua Ex.^{ma} família.

Os nossos respeitosos cumprimentos.

Dr. Orlando Guedes da Costa — Acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Maria Teixeira Guedes da Costa e filhos, tivemos o prazer de ver nesta Vila, de visita à sua família, o sr. dr. Orlando Guedes da Costa, residentes na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

Dr. Alípio Gonçalves — Esteve entre nós, acompanhado de sua esposa, sr.^a Professora D. Maria da Paz Figueiredo Gonçalves e filhos, o sr. dr. Alípio Gonçalves, Notário e Subdelegado do Procurador da República, em Ponte da Barca.

Os nossos cumprimentos.

Tenente Alberto Magno Pereira de Castro — Acompanhado de sua esposa, sr.^a Professora D. Armanda de Figueiredo Pereira de Castro e filhos, tivemos o prazer de ver entre nós, o sr. Tenente Alberto Magno Pereira de Castro, dig.^{mo} Comandante de Secção da G.N.R., em Valença.

Os nossos cumprimentos.

Dr. Alberto Domingues — De visita à sua família, tivemos o prazer de ver nesta Vila o nosso conterrâneo sr. dr. Alberto Domingues, dig.^{mo} Inspector do Banco Português do Atlântico, em Aveiro, acompanhado de sua esposa sr.^a D. Maria Angelina de Almeida Domingues.

Os nossos cumprimentos.

Augusto de Araújo Esteves — Acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Maria Margarida Machado, telefonista dos C.T.T., em Valença, tivemos o prazer de ver nesta Vila o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Augusto de Araújo Esteves, Guarda Fiscal naquela localidade.

Os nossos cumprimentos.

Antonio Fernandes — Esteve entre nós, durante alguns dias, o nosso conterrâneo e assinante, sr. António Fernandes, digno funcionário da Repartição de Finanças de Braga, acompanhado de sua esposa e filha.

Os nossos cumprimentos.

Manuel Júlio Rodrigues — Acompanhado de sua esposa sr.^a D. Maria Hermínia Pereira Rodrigues e filhos, esteve nesta Vila o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Manuel Júlio Rodrigues, conceituado comerciante.

Os nossos cumprimentos.

Vindos do Canadá — Chegaram a esta Vila, vindos do Canadá o nosso conterrâneo sr. Abel Mâncio Nabeiro da Rocha, acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Luísa Afonso da Rocha e filhos.

Apresentamos ao nosso amigo e família, os nossos cumprimentos e um abraço de boas vindas.

João da Costa Lucena — Por via aérea partiu há dias para a cidade de New York (U.S.A.), em visita a seu filho, sr. Engenheiro João Eugénio Lucena, nora e neto, o sr. João da Costa Lucena, ourives desta Vila.

Ao sr. João Lucena, que já regressou, apresentamos os nossos cumprimentos.

Flávia Maria Calheiros Gonçalves — No Hospital de S. Marcos, da cidade de Braga, foi há dias submetida a uma intervenção cirúrgica à garganta a jovem estudante nossa conterrânea menina Flávia Maria Calheiros Gonçalves, filha do nosso estimado assinante, sr. Manuel Augusto Gonçalves e da sr.^a D. Magnífica da Conceição Soares Calheiros Gonçalves, da freguesia de Prado.

Foi operador o distinto médico especialista sr. dr. Joaquim de Oliveira, daquela cidade.

À jovem estudante, Flávia Maria, desejamos rápidas melhoras.

António Ribeiro — A passar férias da Páscoa, esteve alguns dias na sua residência, do lugar da Carpinteira, freguesia de S. Paio, o nosso conterrâneo e colaborador, sr. António Ribeiro, escrivão de 1.^a classe do Tribunal do Trabalho, em Vila Nova de Famalicão.

Os nossos cumprimentos.

Baptizado — Na Catedral de Toronto (Canadá), foi há dias baptizado um menino, a quem foi posto o nome de Manuel José, filho dos nossos conterrâneos e estimados assinantes, sr. José Pires e da s.a. D. Maria Fernanda Pereira Pires, que ofereceram em sua casa um lauto e bem requintado jantar a inúmeros convidados.

Ao neófito desejamos muitas felicidades e a seus pais os nossos parabéns.

Recoveiro Rogério

de MONÇÃO

Recebe encomendas para:

MONÇÃO, MELGAÇO e S. GREGÓRIO

Paragem no PORTO:

RUA DO LOUREIRO, 36 ou RUA DA MADEIRA, 218
Até às 18 horas

Em MONÇÃO:

RUA GENERAL PIMENTA DE CASTRO

BANCO FERNANDES MAGALHÃES



PORTO

LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Mário Filipe Alves — Em gozo de licença, esteve alguns dias na freguesia de Paços, de visita à sua família, o nosso estimado assinante sr. Mário Filipe Alves, Guarda Florestal em Tarouca, Beira Alta.

Os nossos cumprimentos.

António José Domingues — De visita à sua família, esteve entre nós o nosso conterrâneo sr. António José Domingues, aluno do 4.^o ano da Faculdade de Medicina, da cidade do Porto.

Ao futuro médico, apresentamos os nossos cumprimentos.

Aniversários — Festejaram o seu aniversário natalício, no dia 1 p. p., o sr. José de Araújo Correia, dig.^{mo} Chefe da Repartição da Finanças, desta Vila.

No dia 2, o sr. Manuel Ribeiro Coelho, escrivão da mesma Repartição.

No dia 4, o sr. Alberto Caetano de Sousa, funcionário da Câmara Municipal de Melgaço.

No dia 5, a menina Maria da Graça Miranda da Costa, filha do sr. Manuel Miranda da Costa (mecânico) e da sr.^a D. Donatária Gonçalves Cavaleiro, que tiveram a gentileza de oferecer em sua casa um lauto jantar a inúmeros convidados, onde se brindou pela felicidade da aniversariante.

Por tal motivo, desejamos a todos que estas datas se repitam por muitos anos e os nossos parabéns.

Queda grave — Pelas 12 horas do passado dia 4, quando subia as escadas da sua residência, na freguesia de Prado, foi vítima duma queda grave o sr. Herculano Arsénio Gomes Pinheiro, de 74 anos de idade, Secretário da Câmara Municipal de Melgaço, aposentado.

Em consequência da queda o sr. Herculano, sofreu fratura das costelas do lado direito e ferimentos na cabeça. Depois de socorrido no Banco desta Vila, seguiu para o Hospital Escolar de S. João, da cidade do Porto, tendo ficado ali internado, por o seu estado inspirar cuidados.

Sociedade

Aniversários

Fazem anos: amanhã, José Albano Lourenço; no dia 17, D. Antonieta da Ascensão Moraes Azevedo, e as meninas Maria do Céu Dantas da Costa Afonso e Maria do Rosário dos Santos Lima Peres; no dia 18, Dr.^a D. Maria Eduarda das Neves Pinheiro e D. Carolina Gomes de Sousa, e as meninas Maria Armanda Vaz Alves e Maria Júlia Trancoso Bermudes, e António de Sousa Lobato, e Herculano Augusto Gonçalves Pereira; no dia 19, D. Maria Amélia da Cunha Osório; no dia 20, D. Maria Fernanda Santos do Vale, e dr. João de Barros Durães; no dia 21, Carlos Francisco Ribeiro Lima; no dia 22, Armando da Ressurreição Rodrigues; no dia 25, Fernanda Vaz, e Ricardo de Jesus Rebelo; no dia 26, D. Itelvína da Nazaré Pereira Rodrigues, D. Maria Celina Las-Casas Neto Marques, as meninas Elvira da Glória Ribeiro de Figueiredo e Castro e Maria Armanda da Cunha Esteves, prof. António da Ascensão Afonso, padre António Augusto da Silva Barros; no dia 27, Irene de Fátima de Sousa e Castro; dia 28, D. Alzira Augusta Cameiro Pato, D. Maria Cristina Pita Barros de Almeida, e D. Maria Hígina de Magalhães Fernandes Pinto, e padre Manuel José Rodrigues; no dia 29, D. Maria Rosa de Sousa Lima Solheiro; no dia 30, prof.^a D. Maria da Paz Dias de Figueiredo, D. Maria Flávia Gregório, e Artur Passos Teixeira e cônego António Luís Vaz.

Foto CALDAS

TELEFONE, 42220
MELGAÇO

EXECUTA todo o trabalho em Fotografias e vende todos os materiais para as mesmas.

Reportagens para Casamentos, Baptizados, Comunhões, Aniversários, etc.

Assine e Anuncie na
«A VOZ DE MELGAÇO»

CONVERSANDO

(À saída da missa)

— Boas Festas, compadre!
 — Santas e alegres tas de Deus, na alma e no corpo! E oxalá que tenhas ressuscitado com Cristo, por meio duma santa confissão e duma fervorosa comunhão. Cumpriste tu este dever de todo o cristão?
 — Cumprí, sim, compadre! Tão bem quanto pude! Não é para me gabar, mas eu não sou cristão só por fora. É mesmo de raiz!

— Pois fazes bem! Já te tenho dito mais duma dúzia de vezes que os piores inimigos da religião são os católicos de meias tintas que querem passar por católicos mas não cumprem os seus deveres. Pouco importa saber dizer lindas coisas: o essencial é cumprir.

— Isso é verdade!

— Olha: havia em Atenas um filósofo platónico chamado Atenágoras. Este filósofo, convertendo-se ao cristianismo, apresentou ao imperador Marco Aurélio, que também era filósofo mas nem por isso deixou de perseguir os cristãos, uma apologia da religião católica. E uma das coisas em que esse filósofo mais insiste é precisamente no bom exemplo dos cristãos desse tempo. Se quiseres ouvir, até posso ler-te um pouquinho dessa apologia onde podes ver como se deve defender a religião mais com exemplos do que com palavras.

— Sou todo ouvidos, compadre!

— Dizia Atenágoras: «Entre os nossos, podeis encontrar ignorantes, operários, velhotas, incapazes de defender com argumentos a verdade da nossa doutrina; mas provam a sua utilidade pelos resultados que ela consegue. Não sabem dizer palavras bonitas, mas praticam boas obras. Quando os maltratam, nem sequer se defendem. Dão a quem lhes pede, e amam o próximo como a si mesmos. Creio que não tendes razão para duvidar de gente que, em tudo o que faz, toma a Deus como modelo, e cujo fim é tornar-se irrepreensível a seus olhos, abstendo-se até por isso de pensamentos pecaminosos. Se nós entendéssemos que só tínhamos a viver na terra, ainda poderíamos suspeitar que seguíssemos os apetites da carne e do sangue, entregando-nos à avareza e ao deboche. Mas nós, que acreditamos que Deus vê constantemente, de dia e de noite, não somente os nossos actos mas até as nossas palavras e pensamentos, e isto em plena luz, lendo até ao fundo dos nossos corações, nós que acreditamos que depois desta vida transitória há outra muito melhor no Céu e que, se prevaricarmos como os maus, seremos ator-

mentados pelo fogo, achais que queiramos ser maus e sujeitar-nos à justiça do Supremo Juiz?! Se alguém provar que nós cometemos o mais pequeno dos crimes de que somos acusados, estamos prontos a sofrer os mais atrozes suplicios; mas, se não temos outras culpas a não ser a de nos chamarmos cristãos, é vosso dever, senhor, príncipe poderoso e sábio, defender-nos por meio das vossas leis. Até agora, posso afirmá-lo, tudo o que têm dito contra nós são boatos caluniosos e sem fundamento. Ainda nenhum cristão foi apanhado em falta, e não pode mesmo haver cristãos maus, a não ser que sejam hipócritas». Ora viste?!

— É assombroso, compadre!
 — Achas que, se Atenágoras vivesse hoje, poderia falar com este desassombro?!

De Parada do Monte

9-4-71

Casamento Elegante — No dia 4, consorciaram-se no Sameiro, em Braga, Manuel António Miranda Pinto, com a senhora Professora de Linguas, Maria da Conceição Domingues, do lugar do Coto Santo, desta freguesia, e ele do Douro.

Findo o acto religioso, foi servido num Hotel daquela estância, um lauto jantar aos seus inúmeros convidados.

Aos noivos que gozam de primorosos dotes físicos e morais, desejamos uma perene lua de mel.

Os noivos, após o almoço partiram em viagem de núpcias para o sul do País.

De França — Vindos de França, chegaram os srs. Ermindo Afonso e José Rodrigues.

— Para a África do Sul partiu o sr. António Pires.

O Tempo e a Agricultura — Após um tempo de invernia e muito frio, sempre adoço o tempo, fazendo agora um tempo maravilhoso. Os nossos lavradores já andam a tirar os estrumes para logo virarem as suas terras. — C.

De Paços

Convalescença — Ainda se encontra em convalescença, na sua residência, o nosso amigo sr. José António Douteiro, natural desta freguesia, que no dia 4 de Dezembro p. p. num acidente com uma motorizada fracturou a perna direita.

Desejamos a este nosso amigo, umas rápidas melhoras. — C.



À Sombra da Cruz

Ilídio Esteves Cordeiro

Na residência de seus familiares, faleceu no passado dia 1, em Lisboa, o nosso estimado assinante, sr. Ilídio Esteves Cordeiro, conceituado comerciante, de 62 anos de idade, natural da freguesia de Penso, deste concelho.

O extinto era pessoa geralmente estimada, pelos seus dotes de carácter e bondade, que sempre o impuseram à consideração de todos quantos o conheciam.

Era casado com a sr.^a D. Fernanda Esteves Cordeiro, irmão dos senhores, Renato Esteves Cordeiro, Manuel Esteves Cordeiro, Armando Esteves Cordeiro, residentes em Lisboa, das senhoras, D. Rosa Esteves Cordeiro e da sr.^a D. Maria Esteves Cordeiro.

O seu corpo, foi trasladado em auto-fúnebre para a sua freguesia, onde se realizou o funeral, onde assistiram algumas centenas de pessoas de todas as categorias sociais, desta vila, Monção, e outras localidades e ainda algumas vindas de Lisboa.

«A Voz de Melgaço», sensibilizada apresenta a toda a família em luto o seu cartão das mais sentidas condolências.

Engenheiro

José dos Santos Pardal

Na sua residência, à Avenida da Imaculada Conceição, na cidade de Braga, faleceu no passado dia 5, o senhor Engenheiro, José dos Santos Pardal, de 59 anos de idade, pessoa de respeitabilidade e muito considerada.

Era casado com a nossa conterrânea, sr.^a D. Ivone Ferreira da Silva dos Santos Pardal, e genro do sr. Ernesto Viriato dos Passos Ferreira da Silva, proprietário nesta vila e antigo Governador Civil de Viana do Castelo e da sr.^a D. Margarida Esteves Ferreira da Silva.

O seu funeral que se realizou no dia seguinte para o cemitério de Monte de Arcos daquela cidade, foi largamente concorrido por muitas pessoas de todas as categorias sociais da cidade de Braga e outras localidades e ainda algumas de Melgaço.

A toda a família em luto, manifestamos a nossa expressão de pesar.

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO SOLICITADOR

Largo Hermenegildo Solheiro MELGAÇO

A SORTE ESTÁ NA

CASA DA SORTE

que distribuiu aos seus BALCÕES

Em 1-4-971

SORTE GRANDE - 30770 - 4.800 CONTOS

Em 9-4-971

LOTARIA DA PÁSCOA

2.º PRÉMIO - 11984 - 1.600 CONTOS

Habilite-se na

CASA DA SORTE

A casa onde há sempre SORTE e Prémios para todos

A Lotaria da CASA DA SORTE é vendida em Melgaço pelo sr. Miguel Henrique Gonçalves Pereira

De PENSO

28-3-71

(Atrasada na Redacção)

Melgaço nos festivais da Canção

Humberto de Magalhães Pereira, natural desta freguesia, proprietário da casa do Crasto, grande comerciante e proprietário em Lisboa, tem três filhos e todos se dedicam à música e canções.

Assim, o sr. Engenheiro João Manuel Magalhães Pereira, que também assina João Bacelar, foi o autor da Letra da Canção que Portugal ganhou, quando o festival se realizou em Londres. O Doutor José Luis Magalhães Pereira, está ligado à gravação de discos da Casa Valetim de Carvalho, e quase sempre acompanhava os festivais da Canção, ao Estrangeiro. O mais novo que ainda estuda, faz parte do júri para as classificações, e chama-se Carlos Humberto de Magalhães Pereira, afilhado do sr. Humberto, Nomes que honram Penso e Melgaço!

Os nossos parabéns.

Agradecimento

A família de António Augusto Lopes, que foi do lugar de Gondufe, freguesia de Chaviães, extremamente sensibilizada pelas muitas provas de estima e consideração que lhe patentearam nesta dolorosa emergência, vem por este meio agradecer muito reconhecida, pedindo desculpa de qualquer falta involuntária.

Pel'A FAMÍLIA
 Manuel Augusto Lopes

Dr. Luís Domingues CLINICA MÉDICA

Rua Formosa, 253 - 2.º - Dt.º
 Tel. 29415 PORTO

Anuncie em «A VOZ DE MELGAÇO»

Dr. Ismael da Trindade

ADVOGADO

Mudou o seu Escritório para o Palácio da Justiça

(REGISTO PREDIAL)

TELEF. 52295

MONÇÃO

BRASILEIRA DO PORTO

CAFÉS

61. RUA SÁ DA BANDEIRA, 91 * PORTO

Por Santa Rita

(Continuação da 1.ª página)

para aqui e quem nos dera ter a casa cheia. Custa tanto estar parado!

Pois as despesas tem sido muito poucas e podemos dizer que nada nos tem faltado. Os nossos vizinhos e amigos de Santa Rita de perto e de longe tem-nos ajudado muito: — comestíveis, sobretudo, carne, chouriços, batatas, verduras, etc., etc.. Pois, graças a Deus, nada nos tem faltado.

Vem aí a festa — Estamos quase nas vésperas da festa. Os dias 30 e 31 de Maio serão o tempo forte da festa. Faremos tudo, para que seja uma grande festa.

E a nova igreja? Pensamos benzer e lançar então a primeira pedra. Precisamos duma nova estradinha, para essa data. Vamos ver se se faz.

As ofertas cá tem chegado — E assim, recebemos: da sr.ª Maria Idalina, Estar, 50\$00; por intermédio do sr. António Esteves, de Cavaleiros, 10 N. F.; Manuel José Domingues, Cela, 100\$00; Sobral, 41\$00; Rosalina Barreiro, Paderne, 20\$; Rosa Soares, Cav. Alvo, 50\$00; Aurea de Jesus Carpinteiro, 150\$00 e sua irmã Sara Carpinteiro, S. Paio, 50\$00; Jaime Domingues, Eira, 17\$00; Alcinda Pinheiro, Cavaleiro Alvo, 50\$00, Ortelinda Domingues, Cav. Alvo, 30\$00. Maria Rosa Afonso, Sobral, 41\$00; Rosalina Barreiro, Paderne, 20\$; Rosa Soares, Cav. Alvo, 50\$00; aos pés de S. José, 5\$00; Anónimo, Monte, um anel de ouro; Filhos da sr.ª Generosa Lurdes, Cav. Alvo, 10 N. F.; na igreja paroquial, 8\$00; Maria Pires, Lobão, 20\$00; Leilão, 56\$00; José Joaquim Domingues, da Carpinteira, ilustre director de um Banco no Rio de Janeiro, mais 300\$00 e de Augusto Esteves, Leiria, 500\$00.

A todos, muito grato o

P.º CARLOS VAZ

O Santo da Quinzena De Rouças

(Continuação da 1.ª página)

Abril, 12

que lhe restava dos seus afazeres, empregava-o em orações e leituras boas, não deixando nunca de elevar o seu espirito a Deus, também no meio do trabalho.

Factos admiráveis e extraordinários, em grande número, provam com quanto agrado Deus olhava as obras da sua serva Zita.

Certa vez, um mendigo pediu-lhe um copo de vinho. Zita, não dispondo de nenhuma gota desta bebida para servir ao pobre, foi com o cântaro à fonte e cheio deu-o ao mendigo. Este não pouco se admirou quando, levando a água à boca, provou um vinho delicioso.

Certa ocasião, quando todos iam assistir à missa do galo na noite de Natal, fazendo um frio intensíssimo, o patrão de Zita ofereceu-lhe sua capa feita de pele. Zita aceitou-a mas foi para dá-la a um pobre que tiritava de frio. Disse-lhe, porém, que no fim da missa lhe devia restituir. Terminada a missa, o pobre não apareceu e Zita teve de voltar para casa sem a capa, o que lhe importou forte censura do patrão. Pelo meio dia, à hora de jantar, veio o pobre, e com muitos agradecimentos entregou a capa retirando-se. O patrão ao ver isto começou a formar conceito mais elevado da sua santa empregada.

A vida e o exemplo de St.ª Zita nos mostram que é possível santificar-se no mundo. Condição indispensável, para a perfeição cristã, é que nós nos contemos com a sorte que Deus nos deu. A palavra de Cristo: «Meu alimento é cumprir a vontade de meu Pai», deve ser o lema de todos nós!

Irmã Maria dos Anjos

Dr. Oliveiros Rodrigues
ADVOCADO
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Na Assembleia Nacional

(Continuação da 1.ª página)

muito da freguesia. Os lucros que não se acumularam em capitais reprodutivos nas zonas que criaram esses bens e nas actividades principais que lhes deram origem, têm que regressar em investimentos, participações do Estado, que não dádivas, às zonas menos privilegiadas, que deles tanto carecem. Não serão mais do que actos de sã justiça distributiva e no caso apontado de grande valor para a política agrícola da Região.

Ainda para melhor conhecimento técnico da agricultura da zona de meia encosta, aparentemente menos favorecida, sempre mais difícil e que portanto requer estudo mais atento, onde há frutas que vão bem e a pecuária pode ser incrementada, ou então terá que regressar à floresta, ou a um intensivo aproveitamento silvopastoril, é indispensável criar um centro de estudo bem apetrechado em meios humanos e materiais.

Os lavradores exigem dos técnicos soluções capazes e seguras e estas só são obtidas com segurança, experimentando.

Creio que esse centro de estudo estaria muito bem localizado em Paredes de Coura, onde é preciso encontrar solução para esses problemas técnicos e económicos.

Supomos que as actuais Adegas Cooperativas, no futuro certamente Cooperativas Agrícolas polivalentes e mais aquelas que a experiência aconselha criar, as Cooperativas de fruticultores, as várias Cooperativas existentes, a trabalhar intimamente, apoiadas nas instalações que possuem, e programando as novas atendendo bem o condicionalismo futuro, serão o núcleo de uma organização regional em que todos podem participar. Embora a cooperação não seja uma panaceia, como a muitos incompreensivelmente se apresenta, ou querem fazer crer, ainda é a melhor forma de contrariar muitos desmandos, de firmar resistências salutares.

O Governo compreende-o, creio bem, mas custa-lhe bastante a demonstrá-lo!

Há um aspecto que também queremos apresentar e para o qual pedimos a atenção do Governo e que, como tantos outros em todo o panorama agrícola Minhoto, e perdoem-me que incansavelmente o repita, se encontra ligado à tal alteração da lei do plantio da vinha. A actualização da Sub-Região dos vinhos Alvarinho. Estes vinhos, produzidos em Monção, são um património legítimo daquela zona, são um valor real que ali se cria nas condições que os tornaram afamados em todo o país e estrangeiro e que só não têm mais expansão em virtude da reduzida quantidade colhida. A sua protecção, a sua defesa, o seu fomento devem ser assegurados, à sub-região de Monção e todo o distrito. Com as suas características muito especiais, são um património que vale como demonstração da excelência dos vinhos verdes regionais de que este será o mais alto expoente.

Os aspectos que atrás foquei acerca da situação da indústria não quiseram ser mais do que uma chamada de atenção para as dificuldades que ali se encontram na tentativa de fazer enveredar a Região decididamente pela senda do progresso.

População activa em declínio, agricultura com dificuldades, in-

dústria como se viu, mas por outro lado potencialidades negáveis ligadas ao turismo que se incrementa no litoral e que se completará com o de montanha a criar na zona serrana em ligação estreita com a Espanha através de S. Gregório e da ansiada fronteira do Minho que é de justiça abrir e ainda, e sobretudo, o impulso enorme que poderá advir das indústrias a instalar, quando o melhoramento do seu porto for uma realidade. Mas para já bastariam aquelas que actualmente estão instaladas, ou em construção, para ao porto darem um movimento de exportação que justifica amplamente as obras que se projectam. Contando somente com o quartzo e feldspatos de Ponte da Barca e Arcos, com os granitos de Ponte do Lima, com os Caulinos de Viana, com os produtos de pasta e papel a exportar a partir do começo de 1973, haverá um movimento de exportação de pelo menos 250 mil toneladas anuais.

Se a este grande volume juntarmos as actuais importações e exportações e a natural expansão que as facilidades portuárias criariam, pode bem considerar-se o melhoramento e ampliação do porto como alavanca cimeira no progresso da Região. Mas o interesse é ainda maior pela sua natural ligação e facilidades de comunicação com grande parte do distrito de Braga e mesmo de alguns concelhos de Vila Real com drenagem natural através de Viana e que através do seu porto poderiam realizar normalmente as suas transacções. E porque não? Porque é que Viana do Castelo não há-de ter um porto de mar em condições, se para isso condições tem?

O Governo não precisa que eu aqui, nesta altura, recorde as magníficas intervenções de ilustres deputados do meu Circulo, que já trataram deste mesmo assunto, ou me refira a relatórios e estudos que tem em seu poder e que alguns também conheço. Quero recordar somente o notável despacho do Senhor Ministro das Obras Públicas e Comunicações, a quem presto as minhas agradecidas homenagens, aqui apresentado pelo distinto Colega Júlio Evangelista com a esperança segura de que os estudos que vão sendo iniciados e que a Companhia Portuguesa de Electricidade acelerará ao máximo, concerteza, levem não só à regularização da baía do Lima, como à rápida ampliação do porto de Viana da Foz do Lima.

Todo este vale do Lima melhorado com obras de rega e enxugo que permitam o aproveitamento integral das suas fertilíssimas veigas e também daquelas terras que podem ser recuperadas e que são muitas centenas de hectares, é zona de eleição para suporte de uma industria com base no aproveitamento de produtos da terra, tanto hortícolas como animais, já que os produtos silvícolas têm a sua drenagem assegurada através da fábrica de celulose em construção e que vai ser grande impulsionadora do progresso regional, não só por esse escoamento que asseguramos também pelo fomento florestal que promoverá e riqueza que trará para o distrito.

Estou a chegar ao fim das considerações que me propuz fazer e que não quero prolongar demasiado, embora tanto houvesse para dizer. Não desejo terminar contudo sem uma palavra de esperança que os legítimos re-

O «Leão»,

um pobre e velho cão de guarda duma casa de caridade, foi preso! Onde depois da estadia regulamentar no canil, a «sentença», foi a morte

Causou grande consternação a captura e morte do «Leão», o velho cão de guarda do Asilo Pereira de Sousa, desta Vila.

O «Leão», depois da sua estadia no canil, durante o tempo regulamentar, foi condenado à morte!

A sua captura, foi feita pelo funcionário da Câmara, sr. António Carvalho, com o tradicional laço de arame, que repugna, pela sua crueldade, a toda a gente que assiste a tais cenas de captura!

Pedimos humanidade para com os animais, porque também sofrem e sentem a dor!

Haverá direito de um canídeo ser aprisionado em local que não consta no regulamento?

Também naquele estabelecimento de caridade estava internado, até há pouco, um homem conhecido por «Leão de Couso», mas, talvez, porque se não sentia bem, resolveu por-se em fuga e foi parar novamente a freguesia de Couso, donde já tinha vindo.

Duas saídas: uma para a morte, um cão de guarda que foi prestável; outra, para vida!... livre!..., um internado.

Os «Leões», desapareceram daquela casa de caridade!...

Pouca sorte para os «Leões»...

ceios não chegam para taldar. O desenvolvimento agrícola e industrial que se prevê venha a ser próxima realidade com os impulsos a receber, há-de ser programado e acompanhado com o maior realismo de forma a colmar, dentro do possível, os desequilíbrios estruturais existentes e o que ainda é mais, a evitar que se ampliem.

O indispensável equilíbrio do desenvolvimento só pode ser fruto de harmonia das soluções encontradas e postas em prática e essas devem, não só atender aos aspectos materiais, como às realidades humanas e sociais da comunidade a que se destinam.

Mas tenho esperança nos homens da minha região, no conjunto de técnicos devotados que a servem e daqueles que constituem a sua Equipa de Desenvolvimento, naqueles que estudando e projectando trabalham no Planeamento Regional. Mas quero dar um lugar destacado ao homem notável pela inteligência e visão que vai orientar a Comissão de Planeamento da Zona Norte e manifestar a esperança de que o Governo não deixará com certeza de apoiar, estimular, realizar; — fazer justiça.

Por último quero manifestar o meu muito apreço ao Senhor Deputado avisante, Professor Nunes de Oliveira, dizendo-lhe quanto imranados nos sentimos no melhor, como no pior, dos nossos dois distritos que o nosso Minho uniu.

Em defesa da nossa Pátria

(Continuação da 1.ª página)

lante. Luanda de brancos e de pretos. Luanda dos mariscos, da cerveja, da vida nocturna, encoberta, camuflada.

Daqui partimos, de manhã. A essa hora só pudemos ver os prédios gigantes, a vida junto ao porto, tanto concorrido de barcos estrangeiros. Lá estava um de Bilbau (Espanha) e outro da Metrópole.

Revi, pela última vez, a praia, à saída. Que maravilha! Que fascínio! Que férias bem passadas! Que saudades, olhando esta praia, pensando no tempo de férias aí na Metrópole!

Seguímos rumo a Moçambique. Estamos perto do Cabo, esse Cabo tão português, tão salgado de lágrimas choradas, das amarguras e sacrifícios passados.

Hoje vi dezenas de focas, centenas de pinguins, com a sua formosura, mergulhando, desaparessando, brincando conosco. Havia corvos marinhos e uma manta muito branca de neve.

Aqui, as águas são frias. Os tubarões não agora a vez às focas e aos pinguins, eles gostam da água mais quente.

Assim vamos passando o tempo, alimentando a vista nestas espécies diferentes, nestes mares longínquos.

Amanhã passaremos o Cabo. O barco já baloia mais, a ondulação é maior, as vagas nesta zona chegam a atingir vários metros de altura, haverá enjoo como à saída de Lisboa.

Caros patrícios: está frio agora, o nevoeiro é denso.

O conjunto «Cottim» mi-moseia-nos agora com aquela canção tão bela e harmoniosa que nos embala e leva em pensamento, para ser ouvida aí junto de vós, sem saudades, com esse frio de Inverno, vendo a neve a cair, suave, silenciosamente, respirando esse ar familiar, puro e saudável!

A canção é: «Domingo à Tarde». Domingo à tarde aqui no Niassa é um dia igual aos outros.

Por hoje, é tudo. Um abraço do vosso patrício, cheio de saudades, o alferes miliciano Manuel José Rodrigues, a bordo do Niassa rumo a Moçambique. Cumprimentos do camarada Domingues.

Alferes Rodrigues

A reportagem que não foi escrita

Aquela carta «A caminho do Ultramar» (1) veio suscitar-me recordações de idêntica viagem, bem nítidas e atualizadas no meu espírito. Decerto não conheço quem a subscrive, mas somos dois conterâneos que dobraram, por igual forma, navio e motivo, com cerca de sete anos de diferença, a linha do Equador.

Por se me afigurava interessante é que regresso, não de comercial escrito a verde, a cor da esperança.

Abro-o exactamente naquele capítulo novo da minha vida. Pensando em todos quantos então me acompanharam na viagem e nos que, em permanente render, de sentinela, haviam de seguir. Relendo essas páginas é como se lhes desejasse felicidades, e do mesmo passo, lhes prestasse homenagem.

1. Talvez tudo começasse quando a viagem se encostava ao fim. Quero dizer: o ázme daquele sentimento de solidariedade e de esperança, e aquela abordagem confiante ao cais de um mundo novo, em forma de abraço iluminado pelo sol, onde iam cumprir-se dois anos ao serviço de uma nobre causa. Só se defende com abnegação o que se ama, e o sentido da pátria nasce conosco no sangue.

Depois da partida de Lisboa, assinalada com acenos de lenços e vozes de lágrimas, os homens tinham habitado dias ciosamente construídos sobre o mar. As saudades, à força de serem batidas na íntima bigorna de cada um, tinham deixado de ser um problema particular para constituírem um motivo de afinidade, uma aliança e uma promessa comum de enfrentarem o mesmo destino. É esse, de resto, o segredo da solidão: une os homens, pelas suas raízes essenciais, quando tudo parece separá-los.

Juntos descobriram até pequenos nadas: os golfinhos saltando resplandescentes para mergulharem de nóvo, em maravilhas acrobáticas, na água; os flocos de espuma feitos pela quilha do navio, certo na sua rota, incisivo e impiedoso como um arado rasgando o seu caminho; as Canárias aparecendo ao longo envoltas em neblina; a lua como grande moeda de sangue. E só às vezes o silêncio, na adivinhação de grandes momentos que estão para chegar (fazendo parte daquele mundo de incertezas e descobertas em que os passos haveriam de ser bem medidos) lhes punha na alma uma tristeza infinita, onde, apesar de tudo, a dúvida se casava com a esperança, da mesma forma que o cheiro do cigarro fumado nas amuradas se misturava com o salitre do mar.

Aqueles doze dias de enjoo, de mil sensações experimentadas, de pequenas alegrias e tristezas ganhando corpo, os levariam a fincar apoio uns nos outros, marcando-os, ao cabo e ao remate, com os primeiros sinais: a dobragem da bandeira, a proposição de luta que estava para além deles — algo que os solicitava e para onde caminhavam com inusitada coragem como se estivesse escrito na palma da sua mão. O chamamento da pátria. Ou a voz do sangue, meus amigos!

2. Coubera-me, no dia antecedente ao desembarque, fazer serviço de oficial de dia ao navio. A bordo houve festa de despedida. De aqui e de além, surgiram guitarras, violinos e acordeões. Por umas horas (na sala de segunda classe, sobretudo) a alegria vestiu as suas cores esfuziantes e deu os braços jovens à fantasia. Talvez se tivesse gastado mais cerveja do que o costume. Por vários motivos souhou-se menos. Todos queriam estar despertos no primeiro encontro com a terra africana. Quanto a mim, cedo me postei na proa do navio. E fui, por isso, dos primeiros a ver Luanda.

Electrificação da Vila de Valença

Requerimento

Sr. Presidente: Na sessão de ontem foram-me entregues os elementos fornecidos pelo Ministério das Obras Públicas, sobre o problema da electrificação da zona intramuros da Vila de Valença, por mim requeridos em 22 de Janeiro passado. O meu requerimento reportava-se também a elementos, sobre a mesma a electricidade, solicitados ao Ministério do Interior e à Secretaria de Estado da Indústria os quais continuam a fazer esperar-se.

Por isso requiro a V. Ex.ª se digno mandar insistir, junto destes departamentos, pelo fornecimento urgente dos elementos requeridos — na certeza de que, com eles ou sem eles, não deixarei de levantar a referida questão, a qual assume foros de escândalo a que urge por cobro corajosa mente.

Sala de Sessões da Assembleia Nacional, 26 de Fevereiro de 1971.

O DEPUTADO:

(Júlio Evangelista)

Anúncio em «A VOZ DE MELGAÇO»

3. Na contra-manhã, apareceram umas luzes amareladas e fixas cor de limão maduro, como um colar de pérolas incrustadas no cacimbo. Depois o sol raiou dissolvendo a espessura, e a costa começou a descobrir-se à nossa frente: a princípio como um monstruoso braço de terra estendido até ao mar; depois, em vez de uma mata densa e misteriosa onde o navio ancorada, uma enorme fila de prédios citadinos dispostos ao longo da baía orlada de palmeiras. E prédios e mais prédios subindo em cascata até ao ponto mais alto. Agora, Luanda despertava através dos guindastes vivos, dos altos canótuos de combustível. Luanda, afinal, surpreendida em dia útil, ressurgindo buíçosa e moderna (imensamente linda!) de uma página de geografia humana. Há quantos anos estaria ela, de raízes mergulhadas no tempo, formosa e desperta, sorrindo para o outro lado do oceano?

Verdadeiramente, estava preso de encantamento. Havia em tudo aquilo — e mais no que sentia — alguma coisa não sonhada, mas que todavia não fazia portar-me como estrangeiro ávido de pôr os pés em terra alheia, de novidades insinuantes, em que os pormenores se gravam em nós como em tábua de cera.

Na proa de um gaseiro, um preto saído dos quadros de Neves e Sousa ou de Roque Gameiro (Raquel) fuma pacatamente o seu cacimbo com o olhar cheio de distância. Os motores fazem barulho, as fábricas deitam fumo, os carros ao longe, como brinquedos (cada vez menos brinquedos) andam de cá para lá, e vice-versa, numa roda viva, com pressa de chegar a qualquer parte. Mais próximo, uma fraíneira passa por nós e distancia-se abrindo rotas na pele ondeada e azul-verde do mar. Ao cais chegam camionetas. Dois polícias militares conversam com gestos e adivinho pelo esboto das suas fardas que devem regressar brevemente à Metrópole. Um punhado de carregadores nativos pegam e largam, com todos os vagares, fardos não sei de quê.

— Olha, Três Trinta, aquele tipo não deve ser boa rês...
Vejo então o Costa, um dos meus soldados, de olhos pregados num nativo que, encostado a uma parede da gare, esguio, de braços cruzados, tem um pé a sustentar a parede e o chapéu rufidamente descido sobre a testa. (O olhar do Costa é desconfiado, mas se lhe dessem uma arma, ele não atiraria só porque o «tipo» não parece boa rês).

Depois o navio atracou. As tropas formaram. E um General envergando fato camuflado e de mangas arregaçadas passou revista. Apesar dos seus cabelos quase brancos e algumas rugas, parecia extraordinariamente novo. O seu andar era resoluto e o olhar penetrante. Como um camarada mais velho que tivesse vindo primeiro. E foi o desfile, com milhares de pessoas saudando, atirando flores, batendo palmas que nos comoviam, sorrisos misturados com pétalas, com o cheiro a iodo da baía e com o sol. Fazia precisamente dois anos que o Niassa desembarcava o primeiro contingente. Há dois anos Luanda acordara das suas longas noites de angústia e deixara de chorar.

4. Não, amigos. Não tínhamos sido atirados para ali; não éramos os vizinhos que vinham apagar um incêndio que ainda crepitava. Éramos, sim, os irmãos de Além-do-Mar a quem as leis da natureza, perturbada pela rebeldia dos homens, haviam solicitado pela voz do sangue. E isso justificava que houvesse sorrisos onde podia haver lágrimas; que houvesse satisfação quando uma saudade ficava debruçada na boca do Tejo, ansiosamente olhando o mar.

ALBERTO PEREIRA DE CASTRO

(1) «A Voz de Melgaço», de 1 de Março de 1971.

Carta da América

POR Francisco António Esteves

andares com 340 m. de altura. Serão estes os maiores do mundo.

— Os astronautas do apolo 14, visitarão no dia 1 Noy York, oferecendo-se para a nova viagem do apolo 15, para o próximo mês de Julho.

— Também se encontrarão entre nós no próximo dia 25 de Abril, no salão da Escola Luiz de Camões 51 Prospect S. T. os seguintes artistas portugueses: Dino Costa, Acordeon, Paula Ribas, cancionista da R. e T. V., Jorge Fontes, guitarra, e Nicolau Neves, viola, Adília Neves, cantora, etc.

— Os trabalhos de construção, enaltram-se completamente paralisados, não só pelo mau tempo como também pela greve dos obreiros da construção, que começou no passado dia 1. O Sindicato operário, pede 1 Dl. de aumento aos operários mais inferiores; aliás, aos «manobras», exige o preço de 5,60 Dl. por hora; o Presidente Rixer Nixon, falou ao Senado no passado dia 6, onde esclareceu, não poder pagar mais de 4,60 Dl. por h. este ano visto os trabalhos de 1971, serem ainda contratados em 1970. Prometendo então o respectivo aumento, para Janeiro de 1972.

Contados estes protestos, os operários continuam em greve.

Por hoje, estimo os conhecidos nada mais tenho a expor na minha carta da América.

Muitas saudações a todos os da Equipa de trabalho e até ao fim do mês, se Deus quiser.

«33 Poemas»

DE — Manuel Correia Marques

Sob a chancela da Livraria Quadrante, será em breve publicado, com o título em epígrafe, o terceiro livro de poesia de Manuel Correia Marques.

Após um interregno de vários anos, durante os quais a sua actividade literária se restringiu à colaboração em jornais e revistas da especialidade, Manuel Correia Marques surge-nos com «33 Poemas» disposto a reafirmar o êxito literário de «HORIZONTE» e «HORA CINZENTA», obras poéticas que o projectaram mercedosamente na órbita dos melhores cultores da nossa poesia moderna.

De espírito inquieto, sempre em busca de novos caminhos literários, M. C. M. distendeu o seu multifacetado talento criador por ensaios, dos quais destacamos «UM POETA LUSO-BRASILEIRO», Gonçalves Crespo, «INÉDITOS DE MÁRIO DE SÁ CARNEIRO» e «IN MEMORIAM DE JÂN MEQUIRÓS».

«33 poemas», cuja distribuição abrangerá o Brasil e as nossas Províncias Ultramarinas, está a ser aguardada, nos meios cultos do país, com a expectativa que o autor, desde o primeiro livro, nos soube acostumar.

Casamento

Com jovem de boas qualidades. A Varela E. P. 49. Henrique de Carvalho — Angola.

Quem apregoou pretensas qualidades próprias ou de familiares? Onde a gabarolice?

Li este pensamento — no «Notícias de Melgaço», de 10 de Fevereiro de 1971, onde trabalham quase só «operários» anónimos, o que não louvo, depois da publicação no quinzenário «A Voz de Melgaço» dum artigo da minha autoria sob o título: «Porque assisti à homenagem a meu irmão, ex-Presidente da Câmara, etc.»: «Não te gabes nem gables os teus. Nada mais ridículo do que alguém apregoar pretensas qualidades próprias ou de familiares».

Se as minhas qualidades são pretensas, isto é, fictícias, imaginárias, fingidas, não aguentam, é claro, o ímpeto das de Sua Ex.^a, que são reais e, talvez, sublimes. Um duelo entre pretensas qualidades e reais qualidades, a vitória é destas. Venha, pois, com toda a afoiteza, porque tem todas as probabilidades, para não dizer certeza, de alcançar uma vitória fácil e rotunda.

Apesar disso, não recuo e, ferindo um pouco a regra da modéstia, informo-o de que não sou parvo — seria tolo se dissesse que o era — e quanto a inteligência tenho a que Deus me deu; é pouca, bem sei, mas a suficiente para meu governo e para as minhas aspirações que são ligeiras; não sou e nunca chegarei a doutor.

Há afirmações que cheiram a cevada, como dizia, irónicamente, por estas ou semelhantes palavras, um escritor antigo, mas ninguém com verdade mas pode atribuir.

Diz: «... Nem gabes os teus. Nada mais ridículo do que alguém apregoar pretensas qualidades... de familiares».

Aqui vou dar a palavra ao «Notícias de Melgaço», de que é actual director o sr. dr. Abel Vaz.

No número de 24 de Setembro de 1967, a toda a largura da primeira página e em grande parangona, dizia:

«Grandiosa homenagem ao Sr. Prof. Manuel Rodrigues, Presidente da Câmara»

Do texto, que é bastante extenso, vou extrair algumas passagens; as que considero mais curiosas.

Princípio:

«Com efeito ainda não eram dez horas e já o povo de Melgaço, com as autoridades concelhias enchia o vasto recinto — enchia o vasto recinto — em frente aos Paços do Concelho.

É que tratava-se de fazer justiça — fazer justiça — ao homem simples, de trato afável que com profundo conhecimento das realidades da sua terra tem sabido como ninguém — tem sabido como ninguém — ao longo destes oito anos de governação, com a sua inteligência perspicaz e espírito empreendedor — espírito empreendedor — elevar o progresso concelho em todos os seus aspectos — elevar o progresso concelho em todos

os seus aspectos — de modo a satisfazer os anseios mesmo dos mais exigentes — mesmo dos mais exigentes.

A seguir diz ainda:

«Mas o povo de Melgaço que nunca regateou justiça a quem a merece — nunca regateou justiça a quem a merece — ali compareceu livre e espontaneamente — livre e espontaneamente — para prestar as devidas homenagens ao seu querido Presidente — querido Presidente — que acabava de ser reconduzido por mais quatro anos».

Afirma depois:

«Em primeiro lugar usou da palavra o sr. professor José Augusto Lourenço, Presidente da C. Concelhia da União Nacional, que depois de saudar o sr. Governador Civil — o distintíssimo sr. dr. Alfredo Pinto — e de se referir com palavras de muito apreço — palavras de muito apreço — à recente homenagem prestada a Sua Ex.^a, salientando o muito que tem feito pelo concelho — salientando o muito que tem feito pelo concelho — traçou... o perfil do homenageado».

Se soubessem o que este sr. disse, depois, do Presidente da Câmara!!!

Dizia o grande Vieira, se a memória me não atraiça, quem não tem inimigos não vale nada.

Aos brindes:

«Iniciou a série de brindes o sr. prof. Lourenço — o sr. prof. Lourenço — que representava o sr. dr. Araújo Novo — sr. dr. Araújo Novo — Presidente da C. Distrital da União Nacional...».

«Seguiram-no no uso da palavra, entre outros: ... os srs. dr. Abel Vaz, P.^o Manuel Lourenço... — dr. Abel Vaz, P.^o Manuel Lourenço — os quais salientaram, uma vez mais, — uma vez mais — as qualidades de carácter, de trabalho e dedicação que o prof. Rodrigues tem evidenciado no desempenho das suas funções...».

O sr. dr. Abel, no artigo «Gráfica Melgacense, L.da», o primeiro que escreveu como director interino, afirmou, referindo-se ao «Notícias de Melgaço», «Semeou sempre a boa semente».

Semeou, refere-se ao passado. A boa semente é a verdade. Logo, segundo a mente do sr. dr. Abel Vaz, o jornal «Semeou sempre» — no passado — a boa semente da verdade. O que fica transcrito foi «canonizado» pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Abel Augusto Vaz, formado em Coimbra!

Quem gabou o meu irmão? Eu? Algum outro familiar? Não, não.

A resposta já fica dada acima mas vou completá-la ainda. Gabaram meu irmão os seguintes senhores:

Prof. José Augusto Lourenço, hoje inimigo; dr. Abel Vaz, hoje inimigo; P.^o Manuel Lourenço, hoje inimigo; dr. Sidónio S. S. S. S., hoje inimigo; dr. Araújo Novo, Go-

Mal que pode muito bem ser remediado

Já num dos números anteriores deste quinzenário, foi sublinhado o facto de nesta localidade haver pessoas que, julgando-se importantes, passam a vida a «cortar a casaca» do próximo, sendo parte delas de fora da terra e que para aqui se vêm remediar, devido a que nas localidades onde viram a luz o não podem fazer, devido a serem conhecidas.

Servem-se, então, de expressões próprias que traduzem bem a sua pouca educação e a falta de cultura de que são dotadas.

Tal vício representa, para elas, um simples passa-tempo, que, por vezes, vai causar às vítimas danos irreparáveis.

E por causa dessas pessoas, que em muitos lares não reina a paz mas sim existem factos desagradáveis, quer para as próprias famílias, quer até para os vizinhos que, como consequência, acabam por ser incomodados.

Saberão, porventura, analisar a responsabilidade das palavras que deitam pela boca fora, essas pessoas que delas se servem para fazer a vontade à língua, e, com esse entretenimento, passam o tempo que muita falta lhes faz para tratar do seu trabalho?

Julgamos bem que não. E se quase todos os males têm o seu remédio, este é um deles. Parece que estamos em tempo de acabar com esse maldito vício de falar da vida do próximo.

Quando surgirem essas tentações parece que o remédio mais adequado, em nosso en-

vernador Civil (que propôs a sua exoneração); sr. dr. Alfredo Pinto, ex-Governador Civil, que se sacrificou pelo Distrito, e que deixou em todos profundas saudades por ser um lídimo carácter, uma alma diamantina e um político à altura do momento que atravessávamos.

Como todos já sabem, S. Ex.^a o Sr. Ministro do Interior, louvou-o no «Diário do Governo».

Repto a pergunta: «Quem gabou o meu irmão? Como fica dito, foi gabado pelos amigos — stupete gentes! — pelos inimigos e pelos superiores hierárquicos.

Não foi o irmão, nem qualquer outro membro da família. Que necessidade tinha eu de o gabar se o gabaram os outros, os próprios inimigos? A notícia dei-a, isso é verdade.

E de que o gabaram? De verdadeiras qualidades? Então os gabadores foram sinceros.

De pretensas qualidades?... Sua Ex.^a o Sr. Ministro do Interior, o sr. dr. Alfredo Pinto, etc., etc., estão incluídos na primeira parte do dilema, isto é, foram sinceros.

Que responderá o autor do pensamento acerca do seu pensamento?

Onde foram apregoadas as pretensas qualidades próprias ou de familiares?

Onde a gabarolice? O «pensador» que produziu o referido pensamento, se o «barrete» é para mim ou para meu irmão, fica «amarrado» à obrigação de provar que me gabei ou gabei o meu irmão de pretensas qualidades e que pertenco ao rol dos ridículos.

A. RODRIGUES

PROPRIEDADES VENDEM-SE

Em Monção, com cerca de 9 hectares, muita vinha, terra de cultivo e mata. Boa casa de senhorio, com água, luz e telefone. Casa de caseiro, adega com bom vasilhame, espigueiros e vários anexos. Bom rendimento em vinho alvarinho, cereais e fruta.

Óptima oportunidade para aplicação de dinheiro.

Falar com ANTERO RODRIGUES, de Monção, telefone n.º 52408.

estimados, desejamos uma perene lua de mel e muitas prosperidades pela vida fora — O. M.

* * *

No dia 7 de Março do corrente, uniram-se pelas laços do Santo Sacramento do matrimónio, Maria do Pedro Vaz, com António do Tio Domingues, ambos da freguesia da Gavieira, do concelho dos Arcos de Valdevez.

Depois de terminados os actos religiosos, dirigiram-se todos, em grandíssimo número de convidados e pessoas de família, a Melgaço, e tiveram para saborearem a bela refeição que a Pensão (27) preparou. Estava repleta.

Terminado o almoço, houve grande festa.

Foram muito apreciados os acordenistas com o estralar das castanholas e o ritmo de seus bailados típicos.

Foi pena o mau tempo fazê-los retirar tão cedo para poderem chegar à sua aldeia da Gavieira e freguesia.

Aos noivos, o povo de Melgaço (com quem conversei) deseja-lhes uma lua de mel muito feliz e muitas felicidades no decorrer da vida. — O. M.

Casamentos Elegantes

(Atrazados na Redacção)

No dia 13 de Fevereiro p. p., realizou-se na Igreja Matriz da Gavieira, o enlace, com o santo sacramento do matrimónio da menina Maria Castanheiro Beites, com o jovem Manuel Castanheiro Domingues, ambos da mesma freguesia, do concelho de Arcos de Valdevez.

Depois de cumpridas todas as formalidades religiosas, dirigiram-se, com grande número de convidados e familiares, para Melgaço, onde na Pensão (27) lhes foi servido um opíparo almoço.

Depois de todos satisfeitos, dirigiram-se para o largo de S.º António e ali formaram os seus típicos bailados com um acordenista.

Depois dirigiram-se para a Gavieira, terra que os viu nascer e que todos a amam e estimam.

Aos noivos que são de todos

Vinho do Porto BARROS

De todos  De todos

o **BARROS ALMEIDA** o

mais saboroso **OPORTO** mais preferido

Lágrima Christi **BARROS**

em França o mais apreciado

Agência de Viagens "RUMO,"

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Comboio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

MANCOZAN

Pó molhável micronizado e azul, ideal para as suas «sulfatações». Está dando, como de costume, os melhores resultados. Verifique qualquer vinha «sulfatada» com este produto, e tirará esta conclusão: defesa segura, contra o míldio e maior produção.

Agente distribuidor:

Miguel H. G. Pereira

Rua da Calçada Telef. 42212 MELGAÇO